



Obra publicada pela Universidade Federal de Pelotas

Reitor: Prof. Dr. Mauro Augusto
Burkert Del Pino
Vice-Reitora: Profa. Dra. Denise
Petrucci Gigante

Pró-Reitora de Extensão e Cultura: Profa. Dra. Denise
Marcos Bussolleti
Pró-Reitor de Graduação: Prof. Dr. Alvaro Luiz Moreira
Hypolito
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr. Luciano
Volcan Agostini
Pró-Reitor Administrativo: Antônio Carlos de Freitas Cleff
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Luiz
Osório Rocha dos Santos
Pró-Reitor de Recursos Humanos: Sérgio Eloi Teixeira
Wotter
Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Evaldo Tavares Kruger
Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Ediane Sievers
Acunha
Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr. Aulus
Mandagará Martins

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.
Francisca Ferreira Michelon | Prof. Dr. Vítor Hugo Borba
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantorski | Prof. Dr.
Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera Lucia
Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira
Vice-Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Veronica Medeiros dos Santos

HISTÓRIA EM REVISTA – Publicação do Núcleo de
Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPEL)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFP)
Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).
Prof. Tommaso Deti (Università Degli Studi di Siena)

Editor: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Edição e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2015/2016

ISSN – 1516-2095

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de Ciências
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.
v.21/v.22, (dez. 2015/ dez. 2016). – Pelotas:
Editora da UFPel, 2015/2016.
1v.

Anual

ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de Ciências
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

Indexada pela base de dados Worldcat
Online Computer Library Center

**PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE**

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 3208

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

*** Obra editada e publicada em dezembro de 2017**

volume
21
Dez 2015
ISSN 1519-2085

volume
22
Dez 2016
ISSN 1519-2085

ICH - UFPEI

A ALVORADA
HISTORIOGRAFIA
MUSEU NACIONAL
PELOTENSE
ARQUEOLOGIA
MUSEU
MEDIEVO
DIÁRIOS
CRÔNICAS
LIVROS DIDÁTICOS
ESTADO
LAZER
FONTES HISTÓRICAS
CARTAS
JOINVILLE
INTERNET
HISTÓRIA CULTURAL
O EXEMPLO
ESCRITA
EDUCAÇÃO
NEGROS
HARTOG
SAMBAQUI
BIBLIOTECA NACIONAL
METODOLOGIA
JORNAL

História em revista
revista do núcleo de documentação histórica



A VIDA DE UM INDIVÍDUO PODE ESCLARECER O PASSADO? REFLEXÕES SOBRE A ESCRITA DA HISTÓRIA A PARTIR DE *PLUTARCO BRASILEIRO*

CAN A LIFE OF A INDIVIDUAL CLARIFY THE PAST? REFLECTION ON THE
WRITING HISTORY FROM *PLUTARCO BRASILEIRO*

Rafael Terra Dall' Agnol¹

Resumo: Em 1847, o historiador e biógrafo Pereira da Silva publica *Plutarco Brasileiro*. Nessa obra, o autor busca ajudar na tarefa de escrever a história da nação utilizando para isso biografias de indivíduos que, de acordo com o autor, haviam sido importantes durante a época colonial. Isso é feito, pois, através da escrita da história e, além disso, em uma análise mais apurada da obra, é possível depreender uma série de discussões importantes no contexto brasileiro do século XIX, como a relação entre História e Biografia, a escrita da história a serviço da nação, as proximidades e os afastamentos com modelos antigos e modernos de se escrever a história. São essas as questões principais a serem trabalhadas no presente artigo.

Palavras-chave: Nação. História. Biografia.

Se o século XIX foi o momento em que a história busca constituir-se enquanto disciplina com traços de cientificidade que impactarão no trabalho do historiador, tais como a crítica das fontes, a busca da imparcialidade, a objetividade sempre tão almejada, a biografia também passa por esse processo. Em ambas, biografia e história, encontram-se também a tarefa de escrever a história da nação. Não obstante, quando se busca estabelecer o campo de uma determinada disciplina, isso também é feito ao delimitar o que essa mesma disciplina não é. No caso da história, por exemplo, foi no século XIX em que a fronteira com a literatura ampliou-se. O mesmo ocorre com a biografia. Ou seja, história e biografia possuem uma historicidade longínqua e marcada por proximidades e afastamentos. O fato é que no século XIX, no que se refere ao Brasil, elas encontram-se como participantes do projeto monárquico de D. Pedro II. Dentro desse contexto, surge a obra *Plutarco Brasileiro* (1847), de Pereira da Silva (1817-1898). Nessa obra, o autor busca ajudar na tarefa de escrever a história da nação utilizando para isso biografias de indivíduos que, de acordo com o autor, haviam sido importantes durante a época colonial. Isso é

¹ Mestrando em História no PPGH/UFRGS. E-mail: Rafael.dallagnolufgrs@gmail.com. Este artigo faz parte das reflexões desenvolvidas na minha dissertação de mestrado ainda em desenvolvimento. A pesquisa tem apoio do CNPq.

feito, pois, através da escrita da história e, além disso, em uma análise mais apurada da obra, é possível depreender os diferentes regimes de historicidade (Hartog, 2013) ali constituídos e algumas questões importantes para as reflexões teóricas contemporâneas na perspectiva da história da historiografia, a saber, a relação entre o indivíduo e a sociedade, as múltiplas dimensões do tempo histórico, os conflitos e as proximidades entre tradição e modernidade. Sendo assim, esse trabalho justifica-se por poder contribuir não somente com as reflexões sobre a história da historiografia do Brasil oitocentista, mas também, a partir da análise da obra escrita por Pereira da Silva, refletir sobre o estágio atual da disciplina histórica.

I.

Em 1916, é lançado o livro *História da literatura brasileira*, de autoria de José Veríssimo. Os mais de dezenove capítulos da obra buscam, como assinala o autor na introdução, dar “[...] uma noção tão exata e tão clara quanto em meu poder estiver, do nosso progresso literário, correlacionado com a nossa evolução nacional” (VERÍSSIMO, 1954, p. 25). Veríssimo e sua *História da literatura brasileira* não pretendem traçar uma cronologia daquilo que já foi produzido no país, em termos literários, sem nenhum exame crítico. Isso fica nítido, pois, quando o escritor trata da obra de João Manuel Pereira da Silva (1817-1898).

O lugar destinado ao historiador, político e escritor do século dezenove situa-se na parte intitulada *Os próceres do Romantismo*. De fato, como assinala Cândido (2013, p.317) tem-se em Gonçalves de Magalhães e na *Revista Niterói* a formação da consciência romântica. Pois bem, entre os anos de 1834 a 1838, quando cursava direito em Paris, Pereira da Silva contribui com a revista. Após fornecer ao leitor algumas informações biográficas dele, Veríssimo não poupa críticas ao historiador: “É o tipo do amador, do diletante, em letras, escrevendo pelo gosto, acaso pela vaidade de escrever, sem no íntimo se lhe dar muito do que se escreve e menos de como se escreve” (VERÍSSIMO, 1954, p. 188). Essa crítica negativa contrasta, e muito, com os elogios fornecidos a outro historiador do século dezenove, chamado Varnhagen², que virá logo a seguir. No caso de Pereira da Silva, o que justificaria sua inclusão no presente livro? Não se pode esquecer de que o escritor foi um dos criadores da história literária brasileira, tendo inclusive proferido palestras sobre o assunto.³ Além do mais, seu livro

² Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), visconde de Porto Seguro, foi o autor da primeira *História geral do Brasil*, concluída em 1857.

³ A título de exemplo: SILVA, J. M. Pereira da. *Nacionalidade, lingua e litteratura de Portugal e Brazil*. Pariz : Guillard, Aillaud, 1884

Jerônimo Corte Real: crônica do século XVI é considerado o primeiro romance de ficção histórica brasileiro. (CF. VERÍSSIMO, 1954, p. 189). Contudo, a crítica mais forte do autor de *História da Literatura Brasileira* ainda estava por vir e ela remete à atuação de João Manuel Pereira da Silva como historiador:

Escrever para ele era um hábito, como que um vício elegante, qual jogar armas ou montar a cavalo, um desporto agradável e distinto. Não lhe importava nem a têmpera das armas nem a qualidade do animal, o essencial para ele era jogá-las ou montá-lo. Assim a sua obra copiosa e volumosa, importante pelos assuntos, pouco vale pelo fundo e pela forma. Historiador, escreveu história com pouco estudo, com quase nenhuma pesquisa, sem crítica nem escrúpulos de investigação demorada e paciente [...] (VERÍSSIMO, 1954, p. 188).

Será a crítica de José Veríssimo isolada dentro do conjunto daqueles que escreveram sobre o autor de *Plutarco Brasileiro*? Em uma consulta rápida ao site da Academia Brasileira de Letras⁴, encontra-se uma declaração irônica, atribuída à Martim Francisco quando esse diz “que a ninguém era lícito assegurar que desconhecia a história do Brasil, sem ter lido os livros do velho conselheiro”.⁵ Já ao consultar o livro *Pantheon fluminense: esboços biográficos*, de 1880, que reunia um conjunto de biografias sobre importantes personalidades nascidas no Rio de Janeiro, Pereira da Silva é retratado à semelhança de um historiador que aceita como verdadeiros fatos não comprovados, resultando disso serem as suas obras históricas “eivadas todas de inexactidões e erros, que denotam a pouca atenção com que as escreve”. (SANTOS, 1880, p. 489). Innocencio Francisco da Silva, após traçar uma breve biografia do historiador, no seu *Dicionario bibliographico portuguez*, também não o poupa de críticas. Para ele, teria faltado para Pereira da Silva maior severidade na apuração de alguns fatos e datas que nem sempre estariam de acordo com o que todos já sabiam. Referindo-se a uma das obras do autor de *Plutarco Brasileiro*, Silva inclusive chega a propor uma lista de correções que poderiam ser feitas na obra (SILVA, 1858-1927, p. 409).

Todas essas críticas atribuídas a João Manuel Pereira da Silva parecem contrastar com o que ele escreverá em *História da Fundação do Império*, livro em que busca, como o próprio nome sugere, escrever sobre os anos de 1808 até 1825 quando se tem o reconhecimento da independência brasileira por Portugal. Na introdução dessa obra, ele dirá que “nem uma consideração, porém, impressionou-me de forma que perdesse a rectidão escrupulosa e imparcial que

⁴ Para consulta ao site: <http://www.machadodeassis.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=671&sid=313>

⁵ Infelizmente, até o presente momento, disponho apenas da citação indireta retirada do site da ABL.

constitua a primeira qualidade de quem se dedica a escrever a história”, pois “teria remorsos de disfarçar a verdade por fraqueza, altera-la por paixão, ou imagina-la por preguiça” (Silva, 1864, p. 5). Mais adiante, encontra-se ainda uma confissão do autor perante seu público.

Nutro desde a infancia esta tendencia para os estudos historicos. Nem o fôro, que me roubou annos de vida; nem o parlamento, que me consumio forças; nem a administração, que me curtio por vezes de tantos dissabores; nem o espectáculo das luctas e guerras civis que tenha presenciado; nem as injustiças dos partidos e as injurias individuais, a que estão expostos os homens políticos, e que tive de supportar com evangelica resignação, conseguirão alterar a vocação do meu espirito, e desvia-lo de seus desejos e aspirações. Quando vinha o descanso, recuperavão o seu lugar as occupações litterarias, sorria a Musa amiga e consoladora, atrahindo-me com suas meiguices e enfeitiçando-me com seus encantos. Se não completava alguma obra ou composição nesse intervallo, ajuntava ao menos os materiaes que devessem sahir a lume em occasião opportuna. (SILVA, 1864, p. 7-8).⁶

Como o excerto acima deixa entrever, não foi por descuido ou desleixo que as obras do escritor-historiador possuem erros. O fato é que todos nós estamos sujeitos a isso, porém, no século XIX, em que a história busca consolidar-se como disciplina científica cabia aos que lidavam com o passado a tarefa de escrever a história da nação e isso deveria ser feito com maior exatidão possível. Pereira da Silva, com suas obras, contribuiu para a incipiente nação brasileira.⁷ Não obstante, constitui foco central desse artigo o livro já referido, intitulado *Plutarco Brasileiro*.

II.

A escrita da história no Brasil oitocentista foi, desde muito cedo, objeto de debate e problema teórico-metodológico. Logo na sua inauguração, o discurso do primeiro-secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, cônego Januário da Cunha Barbosa, traz uma série de reflexões sobre o *pensar* e o *fazer* história nas primeiras décadas do século XIX. Uma das grandes preocupações de Barbosa era a elaboração de uma história geral, dentro de uma

⁶ Nas citações referentes à documentação da época, preservarei a grafia original das publicações.

⁷ As obras de Pereira da Silva abrangem um campo variado de estilos desde o romance, a crônica, as antologias, até seus trabalhos propriamente de história, os quais cabem ressaltar: História da fundação do Império, 7 vol., escrito entre 1864-1868; Segundo período do Reinado de D. Pedro I no Brasil, de 1871 e História do Brasil de 1831 a 1840, de 1879.

perspectiva filosófica. Com esse intuito buscava-se por um lado retirar do esquecimento os fatos notáveis, de acordo com sua visão, da pátria e por outro lado à correção de erros e inexatidões que muitas obras, tanto nacionais quanto estrangeiras, perpetuavam ao se referirem ao país. Por fim, cabe ressaltar no discurso de inauguração do IHGB a proposta de um projeto biográfico, já que por meio da vida dos grandes homens do passado poder-se-ia estabelecer parâmetros para a atuação no presente. O exemplo maior não poderia ser outro do que o livro de Plutarco: “he uma excellente escola do homem, por que offerece em todos os generos os mais nobres exemplos de magnanimidade” (BARBOSA, 1838, p. 14). O projeto biográfico proposto por Januário da Cunha Barbosa encontra espaço intelectual na escrita da história de João Manoel Pereira da Silva e seu *Plutarco Brasileiro*.

Publicada em 1847, a obra em questão possibilita algumas reflexões. Como o próprio autor sugere, a opção pela fórmula biográfica se devia ao fato de que assim ele agradava aos seus leitores (SILVA, 1847, p. vii-viii). É inegável, como demonstram os dicionários biográficos, o sucesso do livro. Antes do prefácio, uma dedicatória direcionada à figura de Dom Pedro II, que demonstra o objetivo não somente de retratar a vida de vinte personalidades que tiveram importância durante o período colonial, mas também de com sua obra, servir ao país. Assim como a biografia, à história também cabia à tarefa da escrita da história da nação (CF. CEZAR, 2003, p. 74). Contudo, será ao longo do XIX, que fronteira entre biografia e história se aprofundará.

Para Loriga (2012, p. 26-37) isso se deve a dois fatores principais. O primeiro deles liga-se ao impacto, entre os fins do século XVIII e início do XIX, da história filosófica. Aqui remeto à Kant que, em texto de 1784, afirma que a história deve elevar-se acima do indivíduo. Ou mesmo de Fichte quando nega o valor autônomo do singular em face do universal (Cf. LORIGA, 2011, p. 37). O segundo fator, assinalado pela historiadora, localizado no final do século XIX, diz respeito ao divórcio entre história social e história política. Com isso, adotou-se por parte de historiadores como Karl Lamprecht e François Simiand reflexões novas advindas das ciências sociais que buscavam aplicar o princípio de causalidade aos fenômenos sociais e, conseqüentemente, acabaram por sacrificar tudo aquilo considerado singular ou único. Ou seja:

os indivíduos não são pensados como seres particulares, dotados de um caráter singular, distinto, nem mesmo como seres capazes de agir sobre o curso da história, mas como exemplares equivalentes entre si, submissos apenas à dominação do grupo (classe, nação etc) (LORIGA, 2012, p. 29).

Buscando, na primeira parte de seu artigo, rastrear a trajetória desse gênero, a partir do regime de historicidade⁸, Schmidt afirma que os estudos biográficos possuem uma longa tradição de debates e reflexões (SCHMIDT, 2003, p. 57-72). Segundo o historiador, entre o fim do século XVIII e o início do XIX as biografias acompanhavam um regime de historicidade caracterizado pela preponderância do passado. Ou seja, entre passado, presente e futuro, aquele predominava e era por meio da história que os ensinamentos se davam.

Não se pode esquecer, contudo, que a biografia, no contexto brasileiro do XIX, ainda era um gênero em construção. Uma prova disso foram as diversas críticas feitas à Pereira da Silva e seu *Plutarco*, que foi revista e ampliada, em 1858, sob o título de *Os varões illustres do Brazil durante os tempos coloniães*. A principal crítica feita a obra referia-se a falta de ordenação cronológica. Para um dos críticos, “acerca do plano geral da obra acho que mais regular me parecia que as biographias, que o auctor escreveu, seguissem a ordem chronologica dos tempos em que viveram, e não dispersas e sem liga entre si como se acham” (SILVA, 1847, p. 236).

Plutarco Brasileiro, como já escrito acima, foi um sucesso de vendas. Não obstante, a reputação de Pereira da Silva, também como já demonstrado, não era a das melhores. Escrever a trajetória de um indivíduo não é tarefa fácil e essa dificuldade se potencializa quando o número sobe para vinte biografias em um único livro. No entanto, havia uma “missão” a ser realizada. A dedicatória à D. Pedro II deixa isso evidente. O foco de análise agora será destinado à maneira como o historiador-biógrafo procura, mesmo que indiretamente, relacionar o seu livro com a questão, mais ampla, da formação da nação brasileira. Antes disso, é necessária e se faz pertinente uma breve discussão sobre o conceito nação da maneira como o estou compreendendo, isto é, a partir da escrita da história.

III.

Campi afirma que, no período compreendido entre o Renascimento e a Revolução Francesa, é possível distinguir três modelos ou variantes do conceito de nação. Em um primeiro modelo, tem-se a nação estatal, na qual há a predominância da relação entre o crescimento do poder estatal e o nascimento

⁸ Para HARTOG (2013), dito de forma simplificada, caracteriza o regime de historicidade antigo pela preponderância do passado, da *historia magistra vitae*, enquanto que o regime de historicidade moderno se caracterizaria pela forte marca do futuro, isto é, as lições da história partem do porvir.

do sentimento nacional. Além da nação estatal, a nação cultural, exemplificada pela Itália e a Alemanha, coincide, nos dizeres de Campi, com uma comunidade popular baseada na língua, nas tradições históricas e na cultura. E por fim a nação política soberana em que predomina a ideia da nação como uma união voluntária de cidadãos. Conforme argumenta o autor, “estas três variantes se podem reduzir a simples fórmulas. A primeira: do Estado soberano à nação. A segunda: a nação antes que o Estado. A terceira: da nação soberana ao Estado” (CAMPI, 2006, p. 94). No que se refere ao século XIX, o conceito de nação assume maiores significados, centralidade e importância. Nesse contexto, o da chamada época das nacionalidades, pode-se constatar o esforço de se constituir no Brasil Imperial a formação de um Estado-nação. Tarefa essa que envolve não somente aspectos econômicos, políticos, sociais, mas também se faz presente na escrita da história. Ou seja:

Foi no processo de consolidação do Estado Nacional brasileiro que se viabilizou um projeto de pensar a história do Brasil de forma sistematizada. Uma vez instalado o Estado Nacional, impunha-se a tarefa de delineamento do perfil para a *nação brasileira*, capaz de garantir uma identidade própria no conjunto mais amplo das *nações*, de acordo com os novos princípios organizadores da vida social do século XIX (DIEHL, 1998, p. 24).

Uma questão que se pode colocar para a reflexão refere-se à escolha do *pantheon* de Pereira da Silva e seu *Plutarco*. Em outras palavras por que escrever sobre a vida de homens como Padre José de Anchieta, Antonio Pereira de Caldas, Basílio da Gama, Thomas Antonio Gonzaga e não de outros? Uma hipótese plausível é que, além de mostrar a importância desses homens para o país, a fim de que aqueles que lessem o livro buscassem se espelhar nos exemplos do passado, algo característico de uma história que ainda não recusa seu papel de *magistra vitae*, Pereira da Silva também buscava construir uma tradição intelectual para o Brasil e a escolha desses vinte nomes torna-se imprescindível pelas obras literárias deixadas por eles. Como assinalou Salgado, “a nova Nação brasileira se reconhece enquanto continuadora de uma certa tarefa civilizadora iniciada pela colonização portuguesa” (1998, p. 6). No entanto, na era das nacionalidades, o que fazer quando seu biografado nasceu em outro país? Essa questão era tão importante que, em 1854, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro pediu para que dom Romualdo Antônio de Seixas, então arcebispo da Bahia, provasse qual seria a nacionalidade do padre Antônio Vieira (ENDERS, 2014, p. 182). Dentro do próprio instituto, por exemplo, não havia um consenso quanto à nomenclatura da seção destinada às biografias.

Pereira da Silva também se deparou com a questão acima suscitada. Ao biografar o poeta Tomás Antônio Gonzaga, o historiador-biógrafo questiona-se sobre a origem do seu nascimento, pois tanto Portugal quanto Brasil “o

reivindicavam”, o que demonstra, por outro lado, a importância do biografado e serve, ainda que indiretamente, como um argumento e uma justificativa para sua escolha na obra.

Aonde nasceu? —Eis uma questão suscitada, debatida com toda a força, e até agora indecisa entre os litteratos. É uma das suas glórias, que, depois de sua morte, tanto o Brazil como Portugal disputaram, e pleitearam a honra de haver sido seu berço; os sábios de ambos os paizes invidaram suas forças, procurando reivindicar para sua nação o nascimento de Gonzaga (SILVA, 1847, p. 176).

A questão será resolvida a partir da documentação, isto é, aqui o documento serve como prova que atesta a veracidade de uma informação. De fato, como sublinha Pereira da Silva, havia um livro de matrículas da Universidade de Coimbra “de folhas 201, e do anno lectivo de 1763, atesta que Thomaz Antônio Gonzaga, matriculando-se no 1.º de Outubro, se declarara natural do Porto” (SILVA, 1847, p. 176). Assim como padre Antônio Vieira, o poeta não era natural do Brasil. Isso, contudo, não é minimizado pelo escritor, a partir dos exemplos legados pela história.

Que importa pois que um acaso, e puro acaso, o fizesse nascer em Portugal? A sua gloria é gloria do Brazil, porque foi o Brazil terra de seu pai; porque no Brazil viveu Thomaz Antonio Gonzaga sua infância, e quasi toda a sua vida; e porque pelo Brazil padeceu, e penou quando se ligou com outros Brasileiros anciosos de libertarem sua patria do jugo portuguez, e de a declararem independente. Não nasceram os dous Cheniers em Constantinopla e a França se não gloria com seus nomes por que fora seu pai Francez? — A luz do dia não appareceu a Benjamin Constant na Suissa. e não entra no Pantheon dos escriptores francezes? O Duque de Palmela, diplomata e estadista reputado de Portugal, não é natural da cidade de Turim?

Sem citar nenhuma fonte, Pereira da Silva descreve o poeta detalhadamente na tentativa, talvez, de aproximar o leitor de Gonzaga. É como se o leitor fosse convidado a ter uma experiência direta com o biografado, pois ao descrevê-lo, o poeta passa a ser “visto” por meio de um processo imaginativo. Entendida como “potência com que a alma representa na fantasia algum objeto: imaginação viva, potência de conceber, ou perceber e representar os objetos bem, e vivamente” a imaginação também pode ser compreendida como uma faculdade da intuição (HUMBOLDT, 2010). Já referida no discurso de inauguração do IHGB pelo cônego Januário da Cunha Barbosa, a imaginação a que ele se refere aproxima-se da noção antiga de *enargeia* (clareza, visibilidade). Se para os antigos a preponderância estava na visão como meio mais eficaz para apreensão do conhecimento histórico, basta lembrar-se da autópsia de Tucídides, que consiste no fato de ver por si mesmo e essa é a única capaz de produção de conhecimento claro e distinto (Cf. HARTOG, 2011, p. 13-14), quando já não é mais possível ver, pode-se imaginar posto que “pela potência

da imagem o ouvinte [ou leitor] é afetado à semelhança do que teria ocorrido se ele tivesse realmente presente” (HARTOG, 2011, p. 12).

Era Thomaz Antônio Gonzaga de estatura pequena, cheio de corpo: tinha physionomia clara e espirituosa, animada por dous olhos azues, vivos, e penetrantes; encantava com sua conversação alegre, jovial, e engraçada; suas maneiras delicadas e polidas attrahiam-lhe todos os corações (SILVA, 1847, p. 175).

Mesmo ressaltando a poesia de Gonzaga e seu papel na formação do sentimento nacional, causa certa perplexidade a escolha de alguém cujo fim não foi de nenhuma forma glorioso.

Viveu quinze annos em Moçambique; mas esse viver foi antes vegetação animal: seu pensamento jaseu engolphado sempre em negra melancolia; os ares do exilio trouxeram-lhe ao principio grave enfermidade; esteve decidido e desenganado de que se lhe acabava a vida!...

Melhor fora talvez isso! — Quando o corpo reganhou forças, o espírito desamparou-o: nem Marília, nem o Brazil, nem a poesia lhe correram mais a lembrança: casou-se, e esta nova existencia o não trouxe á vida real, e ao pleno e perfeito gozo d'ella: de quando em quando, com a mudança das estações, cahia em accessos de furia, chorava, grilava, maltratava-se, feria-se com as unhas, com os dentes .. — Estava louco.

No anno de 1809 expirou, e foi enterrado na Sé de Moçambique

Ainda sobre as polêmicas envolvendo o nascimento de seus biografados, Pereira da Silva deu um exemplo daquilo que poderíamos chamar, na falta de melhor definição, de uma ampla aceitação das críticas feitas pela imprensa a sua obra ao publicar artigos sobre o volume primeiro de Plutarco no fim do livro. E um desses artigos, refere-se à discussão em torno do nascimento de Basílio da Gama (1741-1795). Agora, a discussão não reside na sua nacionalidade, mas na sua origem paterna.

Quem fora seu pai? — D'onde procedera? Nem um biographo no-lo diz: ha quem affirme seu pai fallecido pouco tempo depois do seu nascimento, e descender elle de pobres certanejos, companheiros de João de Serqueira Affonso, grande copia dos quaes eram Portuguezes, que procuravam fortuna; assevera-se também que ficara o infeliz infante entregue aos cuidados de sua desgraçada mãe, que nem meios tinha de subsistência para si, quanto mais para crear e educar um filho! (SILVA, 1847, p.138).

Acontece, porém, que um dos artigos publicados rebate o que foi escrito em Plutarco Brasileiro.

Sr. Redactor. —E tão inexacta a breve noticia que o Sr. Dr. João Manuel Pereira da Silva nos deu, no seu excedente Plutarco Brasileiro, relativamente á ascendência do nosso distincto poeta José Basilio da Gama, que força me é corrigi-la; e pois tenho de rogar-lhe a publicação no seu Jornal dos seguintes documentos, cujos originaes, bem como outros muitos minuciosos e exactos, a

respeito de José Basílio da Gama e seus ascendentes, existem em meu poder e serão presentes ao Sr. Pereira da Silva, se por ventura me constar que deseja S. S. dar-se ao trabalho de os ler (SILVA, 1847, p. 241).

Logo a seguir, ele acrescenta, após transcrever um dos documentos que afirmava possuir, que “Não era pois José Basílio da Gama descendente d'esses pobres sertanejos do Sr. Pereira da Silva, mas filho legítimo do capitão-mór Manuel da Costa Villas-Boas, casado com D. Quiteria Ignacia da Gama” (SILVA, 1847, p. 247). Abaixo dessa crítica, segue uma réplica do próprio autor Pereira da Silva, na qual é travado um debate sobre o provável erro que ele teria cometido em que é reconhecido, no fim, a importância da obra, pois que “Entendi que fazia com o — PLUTARCO — serviço ao paiz”.(Ibidem). O debate, através das páginas do jornal do comércio, ocorrido no início de julho de 1847, demonstra aquilo que Araujo Porto Alegre já havia ressaltado, ou seja, a biografia, e podemos incluir a história, como disciplinas em construção.

O Plutarco Brasileiro é um momento triunfal; é uma obra de longo folego, que ganhará de dia em dia novas perfeições, novos toques de remate com o andar dos annos, com a colheita dos factos, com o engrandecimento do numero, e com a perfeição e a madureza que o tempo estampa em todos os trabalhos historicos. Este livro brindado ás letras do paiz terá longa duração, e augura ao seu auctor uma nomeada duradoura, si elle durante a sua vida o for retocando, e ampliando como convém: um erro estampado é um veneno que se lança á posteridade; é um ponto falso de projecção no perimetro da historia; e toda a humanidade é desviada da senda da verdade, logo que os idealistas ou historiadores falsificam os acontecimentos” (SILVA, 1858, p. 9).

Honrar a memória daqueles que já partiram, reforçar os laços de identidade e união naqueles que fazem parte de um império monárquico rodeado por repúblicas, a tarefa de escrever a história é nobre. Além de instruir e ser um guia para nossas ações, sejam elas pequenas ou grandiosas, a história também tem seu papel, não secundário, de inspirar o patriotismo. Nesse sentido, tanto o IHGB quanto Pereira da Silva são exemplo dessa intrínseca relação.

Viver o tempo que se pensa e pensar o tempo em que se vive. Talvez, esse seja o principal desafio da contemporaneidade em um período em que as relações entre passado, presente e futuro parecem passar por grandes modificações, conferindo a todos os partícipes da história do tempo presente uma experiência temporal própria e peculiar. Lá no Brasil oitocentista o desafio também está posto. Aqueles homens tomaram para si a tarefa da consolidação de uma intelectualidade singular que, se, muitas vezes, é influenciada e condicionada por pensadores estrangeiros, a partir das especificidades do Brasil da primeira metade do século XIX, deparou-se com outros desafios, sobretudo vinculados à monarquia constitucional, enquanto projeto político unificador, e

à formação da idéia de nação. O melhor jeito encontrado para refletir, através da própria reflexão proposta pelos letrados do período, foi por meio de uma história da historiografia, entendida aqui como uma subdisciplina, que possui procedimentos metodológicos autônomos, sempre em diálogo com outros campos de saber, mas também como uma forma de história, que busca, entre outros temas, compreender a relação de determinada sociedade, grupos sociais ou indivíduo com o tempo e sua implicação na produção de dado discurso histórico (Cf. DALL' AGNOL, 2014, p. 11).

Biografias escritas por Pereira da Silva no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro

- **Sebastião da Rocha Pita**, 1849, Tomo XII, pp. 258-76.
- **Inácio José de Alvarenga Peixoto**, 1849, Tomo XII, pp. 400-12.
- **Cláudio Manuel da Costa**, 1849, Tomo XII, pp. 529-49.
- **Junqueira Freire**, 1856, Tomo XIX, pp. 425-33.

Bibliografia

BARBOSA, Januário da Cunha. "Discurso", **Revista do IHGB**, 1839.

BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. **Diccionario bibliográfico brasileiro**. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional/Imprensa Nacional, 1883-1902. 7v.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**: movimentos decisivos 1750-1880. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2013.

CAMPI, Alessandro. Nación. **Buenos Aires**: Nueva Visión, 2006. Cap. 3. De la Reforma a la Revolución.

CEZAR, Temístocles. "Como deveria ser escrita a história do Brasil no século XIX. Ensaio de história intelectual". In: PESAVENTO, S. J. (org.) **História cultural**. Experiências de pesquisa. Porto Alegre: Ed. da Universidade (UFRGS), 2003, pp. 173-208.

CEZAR, Temístocles. "Lição sobre a escrita da história. Historiografia e Nação no Brasil do século XIX", **Diálogos**. Revista do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá/PR, v.8, n.1, 2004, pp. 11-29.

CEZAR, Temístocles. "Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX", Métis. **História & Cultura**, v.2, n.3, jan./jun., 2003, pp. 73-94.

DALL'AGNOL, Rafael Terra. **O passado a serviço do presente: imaginação histórica no Brasil oitocentista (c. 1839-60)**. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000965300&loc=2015&l=2257711e8b5e525e>>

DIEHL, Astor Antônio. **A cultura historiográfica brasileira: do IHGB aos anos 1930**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

ENDERS, Armelle. "João Pereira da Silva, Francisco Adolfo Varnhagen et lês malheurs de l'histoire moderne du Brésil". **Revista de História (RH)**, edição especial – 1º de semestre de 2010 – antigos, modernos e selvagens, pp. 115-129.

ENDERS, Armelle. "O Plutarco Brasileiro". A produção dos Vultos Nacionais no Segundo Reinado". **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 25, 2000, pp. 41-61.

ENDERS, Armelle. **Os vultos da nação: fábrica de heróis e formação dos brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GUIMARÃES, M. L. S. "Nação e civilização nos trópicos: o IHGB e o projeto de uma História Nacional", **Estudos Históricos**, RJ, 1, 1998, pp. 5-97.

HARTOG, François. **Evidência da história: o que os historiadores vêem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiência do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HUMBOLDT. "Sobre a tarefa do historiador". In: MARTINS, Estevão de Rezende. **A história pensada: teoria e método na historiografia européia do século XIX**. São Paulo: Contexto, 2010.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

SANTOS, Prezalindo Lery. **Pantheon Fluminense**. Esboços biographicos. Rio de Janeiro: Tip. G. Leuzinger & Filhos, 1880.

SILVA, Innocencio Francisco da. **Diccionario bibliographico portuguez**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1927.

SILVA, João Manuel Pereira da. **Plutarco Brasileiro**. Rio de Janeiro: Em Casa dos Editores Eduardo e Henrique Laemmert, 1847. 2 v.

SILVA, João Manuel Pereira da. **Os varões illustres do Brazil durante os tempos coloniâes**. Pariz : Livraria de A. Franck..., : Livraria de Guillaumin..., 1858. 2 v

Abstract: In 1847, the historian and biographer Pereira da Silva publishes *Plutarco Brasileiro*. In this work, the author seeks to help in the task of writing the history of the nation using to it biographies of individuals who, according to the author, had been important during the colonial era. This is done through the writing of history and also, in a more detailed analysis of the work, it is possible to conclude a number of important discussions in the Brazilian context of the nineteenth century, as the relationship between History and Biography, the writing history to the nation's service, the vicinity and clearances with old models and modern to write the story. These are the main issues to be addressed in this article.

Keywords: Nation. History. Biography.
